

“Bicicleta: duas rodas e muitos caminhos”

EMEF Dona Jenny Gomes

Profa. Nyna Taylor Gomes Escudero

Início este relato falando do quanto é difícil traduzir com fidelidade as emoções com as quais eu e os alunos fomos envolvidos durante nosso estudo, mas tentarei. A experiência teve lugar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Jenny Gomes, em São Paulo, com a turma do 4º ano “D” do Ensino Fundamental II¹. Dentre as nove turmas sob minha responsabilidade, escolhi esta por que vislumbrei a possibilidade de trazer a manifestação cultural “andar de bicicleta” para dentro da escola, fato que nunca ocorreu. Em função disso, abordar essa manifestação corporal no currículo da Educação Física significava um desafio, algo inusitado para todos.

A escola, situada na Zona Leste da cidade, está sob a supervisão da Diretoria Regional de Educação da Penha, atende 1240 alunos do Ensino Fundamental e, no ano de 2008, as aulas foram distribuídas em três turnos, sendo o noturno destinado às turmas da Educação de Jovens e Adultos. A equipe de trabalho conta com 126 funcionários, dentre os quais 97 são professores e os demais pertencem aos quadros administrativo e de apoio.

Em 2008, a escola fez um ensaio de construção do Projeto Pedagógico. Digo ensaio porque essa ação, embora tenha sido pensada há vários anos, nunca havia se concretizado. A discussão do Projeto partiu de uma reunião que recebeu o nome de “Café pedagógico”, a qual contou com a representação de todos os seguimentos da comunidade escolar, com especial destaque para uma representação bastante significativa dos pais.

Essa reunião deu-se em razão de alguns problemas de violência e desrespeito registrados em todos os espaços da escola. Em busca de encaminhamentos que fossem de ordem formativa, não no sentido de forma, mas de formação, e educativa, os pais e alunos foram convidados para pensarem junto com a equipe educativa, sobre o que cabe à escola, o que cabe à família e o que cabe ao Estado em termos educacionais. Com base nessa discussão, algumas convicções que os pais tinham em relação ao papel e a competência da escola foram questionadas e reformuladas por eles. Foi preciso recorrer à legislação específica para que os pais compreendessem que todos têm que estar na escola, não importando o quão diferentes possam ser classificados por quem quer que seja, a escola tem que acolher a todos. A própria reunião já era um indicativo dessa participação.

¹ 8ª série do Ensino Fundamental de 8 anos.

Os registros da reunião constituíram-se num referencial para que o grupo de professores pensasse o Projeto Pedagógico que nortearia as ações no decorrer do ano. “Integração Cidadã um caminho para o respeito às diferenças” foi o tema escolhido pelo grupo, configurando-se na primeira meta a ser visitada no momento do planejamento das atividades escolares.

Uma das metas estabelecidas coletivamente no ano anterior, A “construção do Currículo da U.E. com ênfase no letramento e no protagonismo de toda a comunidade educativa”, permaneceu em 2008, pois apesar dos esforços empreendidos, havia ainda um longo caminho a percorrer até o seu alcance.

A terceira meta foi proposta a partir do “Programa Ler e Escrever” da Secretaria Municipal de Educação, programa esse que pretendia o desenvolvimento das competências leitora e escritora em todas as áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar. Alguns projetos externos à unidade foram criados pelos setores administrativos da Secretaria Municipal da Educação para a viabilização do programa, dentre eles, os Grupos de Referência, instâncias compostas por professores dos diferentes componentes curriculares, cujo objetivo era construir uma proposta curricular para a Rede, traduzida em documentos a serem discutidos pelos professores e, posteriormente, implementados.

A perspectiva do ensino de Educação Física discutida nas reuniões do Grupo de Referência do qual participei e que se encontra presente nos documentos oficiais do município, concebe o movimento humano como forma de linguagem. Nela, o corpo é visto como texto que veicula códigos culturais, sociais e biológicos a serem lidos, interpretados e analisados nas aulas. Entender que o corpo é entendido como texto, significa vislumbrá-lo como produto cultural. Ou seja, as formas de falar, andar, jogar, dançar de uma pessoa, configuram-se a partir de uma gestualidade grupal que tem por objetivo expressar seu patrimônio cultural o que significa dizer que num cenário democrático, diferentes corpos com diferentes marcas culturais se relacionam e enxergam o mundo pela lente da sua cultura. . Portanto, nessa visão de Educação Física, é pelo corpo que se revela a identidade cultural de um grupo. Não há cultura certa ou errada, melhor ou pior. Uma ação pedagógica pautada por esses princípios buscará trazer para o diálogo diferentes práticas sociais que fazem parte da cultura corporal mais ampla, para que sejam coletivamente estudadas.

É importante ressaltar que a escola conta com um espaço bastante privilegiado para o trabalho pedagógico, além de duas quadras, possui um parque com pista para caminhada de 300m, um pátio descoberto, sala de leitura e informática.

Para iniciar o trabalho, realizei o mapeamento do entorno da escola que ofereceu informações acerca dos espaços físicos existentes, onde seria possível desenvolver trabalhos pedagógicos. Localizei três campos de futebol, o clube SESI e uma praça recentemente inaugurada com pista para caminhada, quadra e brinquedos para crianças como, balanço, gaiola e escorregador. É possível encontrarmos uma maior concentração de moradores utilizando esses espaços nos finais de semana.

A primeira aula nem sempre é o primeiro contato que tenho com os alunos, em geral ao chegarem no 4º. ano do ciclo II (8º. ano do Ensino Fundamental de 8 anos) já nos conhecemos. Com essa turma foi diferente, pois a maioria não havia tido aula comigo ainda. Iniciei a nossa aproximação pedindo que formassem uma roda e fomos estabelecendo alguns combinados, como horário, entrega de tarefas e a necessidade de terem um caderno para os registros das aulas. Expliquei que a aula do dia, teria seu início a partir da leitura do registro da aula anterior, e que essa seria uma das contribuições e o compromisso que deveriam ter com o andamento das aulas. Com a intenção de conhecer o repertório da cultura corporal dos alunos, e a fim de que pudesse definir a temática a ser estudada, perguntei quais as manifestações da cultura corporal que conheciam e que vivenciavam? O grupo levou um tempo para ficar a vontade e arriscar algumas respostas, essa atitude se justifica já que a sua opinião nem sempre tem sido solicitada e valorizada, ao analisar as respostas obtidas e os olhares interrogativos julguei ser necessário esclarecer os conceitos de cultura² e manifestação corporal³. Tendo compreendido a questão, passei a registrar as respostas no “Flip chart”. Pude constatar que a vivência com a bicicleta apareceu com bastante frequência, o que me levou a inferir que estudar essa manifestação faria sentido. A manifestação cultural andar de bicicleta seria portanto o tema abordado naquele período letivo.

Uma vez definido o tema, busquei eleger objetivos que pudessem dialogar com as metas da escola, com o mapeamento e com o componente curricular Educação Física. Pensando nessa articulação considerei os seguintes objetivos: - as aulas de Educação Física bem como a escola deveriam ser validadas como espaço de participação coletiva, com vistas a produção cultural e a transformação social - construir conhecimentos sobre a cultura corporal de forma colaborativa a partir do tratamento e discussão das informações obtidas - compreender que o modo de participação nas vivências corporais reflete a identidade cultural de um grupo e participar das atividades propostas, resolvendo conflitos

² Entendida como um campo de produção de significados

³ Tradução em movimentos, gestos das formas culturais produzidas.

por meio do diálogo, respeitando as diferenças individuais e fomentando valores que privilegiem a participação colaborativa e a solidariedade. Esses seriam, portanto, os objetivos que assim como as metas e o mapeamento eu deveria revisitar todas as vezes que fosse planejar minhas ações didáticas.

No nosso encontro seguinte retomamos a nossa roda de conversa e fiz a leitura do meu registro da aula anterior. Para estudarmos essas duas rodas e descobrir para que caminhos elas nos levariam era preciso ouvir os alunos acerca do que sabem sobre a prática corporal que iriam estudar. Para tanto, iniciamos um mapeamento dos seus saberes, com as seguintes questões: O que vocês podem me dizer sobre a bicicleta? Em quais espaços podemos encontrá-la? Quais grupos sociais utilizam esse equipamento? As respostas nos fizeram pensar que talvez fosse necessário o emprego de outro recurso para garimpar esses conhecimentos, já que as mesmas mostraram-se bastante evasivas e frágeis, como por exemplo:

*-Encontramos nas ruas, nas casas, nas lojas, nos parques
-Usa bicicleta quem tem.*

Na aula seguinte, retomamos a aula anterior com o auxílio do registro que ainda foi feito e lido por mim, com um diferencial, perguntei se o grupo concordava com o meu registro e se alguém gostaria de acrescentar alguma informação que eu tivesse esquecido, o grupo concordou com o meu texto sem fazer qualquer alteração. Dando continuidade ao mapeamento, levei um texto da revista “e” intitulado “Vou de Bike” e, para discuti-lo, fizemos uma leitura compartilhada. A partir dele, os alunos fizeram algumas inferências:

*A bicicleta serve para agente se divertir, brincar disse o Bruno ,
Tem gente que usa para ir trabalhar falou o Diego ,
Também tem corrida de bicicleta argumentou a Silvia,,
Se andar todo dia pode perder peso comentou o Felipe.*

Essas respostas me remeteram as utilidades e as finalidades deste objeto, porém interessava-me também saber como as pessoas que utilizam esse objeto, seja qual for a finalidade, se constituem como grupos, A partir das inferências citadas acima pude perceber que o texto contribuiu para despertar a atenção dos mesmos, para outros aspectos que embora tivessem conhecimento não conseguiram expressá-los. Continuei questionando sobre os grupos: Quem utiliza esse objeto como brinquedo? Quem utiliza para emagrecer? Quem corre? Quem utiliza para trabalhar?

*As crianças brincam de bicicleta (Henrique)
Não, os adolescentes também (Antonio),*

E os adultos? Eles também andam (Pedro).

Quem corre são atletas (Bruno)

Qualquer pessoa pode usar para emagrecer (Henrique)

Para organizar as minhas ações didáticas, decidi dividir o trabalho em quatro eixos temáticos, por entender que essa divisão estava dada nas falas dos alunos, com essa divisão não pretendi estabelecer nenhum limite, até porque a tematização sugere uma abertura da nossa escuta e da nossa atenção em relação ao leque de informações e de conhecimentos sobre o assunto estudado que vai se construindo no decorrer do processo, é como uma teia que ao ser tecida vai aumentando o seu tamanho, sendo impossível determinar de que tamanho ficará. Os eixos temáticos ficaram assim:

- Encontrada nas academias (saúde)
- ✓ Nos parques (ludicidade, exercício)
- ✓ Nas ruas (como meio de transporte)
- ✓ No esporte

A partir dessa organização, buscamos investigar as várias possibilidades que estas duas rodas poderiam nos oferecer para além do esporte e verificar como se comportam as pessoas que usam esse equipamento, como por exemplo, quais as características que as identificam.

O primeiro eixo temático nos remeteu a uma questão: Como as academias utilizam este objeto para manter a saúde de seus freqüentadores?

Em busca de respostas, os alunos foram as academias do bairro para entrevistar os professores e quem sabe entender como este elemento é utilizado e quem são as pessoas que as freqüentam. Guiados por um roteiro previamente elaborado, os alunos retornaram e ao apresentar para o grupo os resultados de suas pesquisas trouxeram tres perguntas : Porque o trabalho com pessoas obesas só começa a ser eficiente após 40 minutos? Qual a diferença do trabalho de resistência e de aquecimento se o tempo para o aquecimento fica entre 20 a 40 minutos e para o trabalho de resistência é de 30 minutos? Fizeram alguns comentários, como por exemplo:

Gente só vimos mulher na academia, mas ela é mista,

Só vimos um professor.,

Adorei, gostaria de fazer aula de axé.

Engraçado, de todas as clientes só uma perdeu um quilo e já estava lá fazia três meses.

Perguntei aos alunos se era a primeira vez que entravam em uma academia, apenas dois da turma haviam entrado e por curiosidade. E os demais não têm vontade de conhecer? Responderam que não. O Lucas falou: “*quem sabe quando ele ficar velho e gordo*”. Eu disse a ele que pelos comentários dos colegas que fizeram a pesquisa não haviam nem homens, nem velhos e gordos, provoquei-o dizendo que ele tinha dois problemas: um era encontrar uma academia que atendesse esse público e o outro era saber o que fazer para perder o peso que ele acha que vai ter quando ficar velho. Esse foi o primeiro dia desse aluno, Depois desse momento de descontração no qual tentei trazer o Lucas para a discussão e integrá-lo ao grupo, os alunos pesquisadores falaram sobre, os fatores que podem impedir uma pessoa de utilizar esses aparelhos, quais os benefícios que a sua utilização trás para a saúde, a relação das cargas com o tipo de trabalho desenvolvido, que em geral os frequentadores das academias são mulheres que precisam perder peso, e que acreditam que o exercício pode levá-las a atingir seus objetivos. Pedi aos alunos que trouxessem suas bicicletas na próxima aula para que pudéssemos fazer uma vivência. Meu objetivo seria fazê-los sentir a diferença entre aquecer o corpo e exercita-lo.

No encontro seguinte já com as bicicletas, perguntei se tinha alguém que não sabia andar de bicicleta, todos afirmaram saber, porem um dos alunos embora afirmando que sabia não quis andar. Pedi que dessem uma volta no parque para que eu pudesse observar o quanto de segurança eles tinham ao andar. Como tínhamos apenas oito bicicletas tivemos que fazer um revezamento. Enquanto um grupo andava o outro observava, essa observação passiva se deu no primeiro encontro, nos subseqüentes os que não estavam andando registravam as suas impressões ou teciam comentários sobre o seu desempenho e sobre o que sentiram durante a atividade. Fomos aumentando o tempo e adotando a mesma dinâmica com os grupos que observavam. Ao aluno que se recusou a andar, lhe disse que se não participasse das vivências práticas precisaria encontrar uma maneira de dar sua contribuição, caso contrario não faria sentido vir para a aula. Sempre que tinha oportunidade procurava traze-lo para a discussão, sua contribuição limitou-se a fazer alguns registros das aulas e tecer alguns comentários sobre as vivências dos colegas.

Os depoimentos após quinze minutos de pedaladas foi o mote para falarmos sobre aquecimento, exercício e resistência. “*Ai pro não consigo mais*” “*cansei*”, “*eu posso pedalar mais quinze minutos se você quiser*”.

Esclareci que o aquecimento não deixa de ser um exercício, o que muda é o objetivo, no aquecimento preparamos o corpo para que ao fazermos o exercício não lesionemos nossos músculos, articulações, em fim.

A resistência como foi possível perceber cada um tem um potencial, ela é a capacidade que temos de resistir a um determinado esforço sem causar nenhum desconforto, não significa que os alunos que cansaram após os quinze minutos não podem melhorar. Aqui a sobrecarga foi o próprio peso de vocês, na bicicleta ergométrica é possível regular a sobrecarga aumentando ou diminuindo o peso.

Um fato curioso foi em relação à bicicleta ergométrica, eu esperava que ela fosse citada no mapeamento, por julgar que era do conhecimento de todos, entretanto ela só apareceu após a pesquisa e com uma dose considerável de surpresa por parte dos alunos, esses comentaram admirados o fato de ser possível pedalar com a bicicleta parada como se tivesse subindo uma ladeira. O Henrique comentou:

“Parece jogo de videogame, agente pedala e sente como se estivesse subindo”.

Comentei ser também possível pedalar dentro d'água, algumas academias tem uma modalidade chamada hidrobike. Os alunos perguntaram se não enferrujava a bicicleta, esclareci que as bicicletas feitas para essa modalidade são de aço inoxidável, não tem rodas, e são fixadas no chão da piscina. O pedal parece um chinelo enorme regulável e pode ser praticada por pessoas com qualquer tipo físico. Não tem regulagem de resistência como nas ergométricas comuns, a água é a resistência.

O Henrique fez um comentário que desencadeou uma discussão interessante.

Professora tinha uma senhora, que já estava lá há três meses e tinha perdido apenas 1 kg, eu perguntei quem tinha dito a ela que se ela fizesse exercício ela ia emagrecer, ela disse que via na televisão.

Encerramos essa etapa debatendo sobre como os discursos televisivos influenciam o modo de vida das pessoas e o quanto precisamos aprender a ler as mensagens subjetivas, no sentido de percebermos que interesses são mobilizados para fazer as pessoas acreditarem em certas coisas, a tal ponto de reproduzirem certas práticas, como é o caso da senhora à qual o Henrique se referiu.

Foi possível a partir desse debate perceber como as identidades são construídas nos discursos televisivos e incorporadas pela população com status de verdade, porque afinal à televisão trás pessoas que tem autoridade para falar sobre como as pessoas tem que se comportar o que tem que vestir, quanto tem que pesar, quem vai questionar a opinião de um médico?

Como já mencionado anteriormente todas as aulas foram acompanhadas de registros por parte dos alunos e da professora. Começávamos com a leitura do registro da

aula anterior por um dos alunos que havia sido indicado na aula anterior. O gênero escolhido para essa tarefa e empregado durante todo o projeto foi a narrativa. O registro, além de situar os colegas que não estiveram presentes naquela aula, permitia-nos identificar o percurso de aprendizagem dos alunos e possibilitava uma intervenção pontual, no sentido de esclarecer alguns equívocos, por exemplo: em um relato o aluno afirmou que o colega não tinha resistência para andar de bicicleta, nesse caso coube uma pergunta, Pedro o Renato então não pode andar de bicicleta? Ele não tem resistência ou a resistência dele é diferente da do colega? . Nesse contexto, o registro funcionou como atividade avaliativa, pois esteve a serviço da reorientação das ações didáticas e, integrado ao processo.

Para abordar o segundo eixo, trouxe para a aula, uma tela da série “Ciclistas” de Iberê Camargo, para que os alunos fizessem uma leitura. Essa suscitara algumas idéias como, por exemplo: que o ciclista era um homem velho, que estava fazendo exercício e que estava chovendo, além da questão quem pintou esta tela?

Acho que é um homem, é velho, nossa ele parece tão magro.

Ele deve tá num parque.

Pro! Parece que tá chovendo.

Porque será que o pintor fez uma tela tão escura? Eu não gostei.

A partir das inferências dos alunos, lemos um texto explicativo sobre a obra desse pintor que confirmou algumas das hipóteses levantadas. A pintura sobre os ciclistas foi inspirada na observação das pessoas andando de bicicleta no parque próximo à residência de Iberê Camargo.

Através dessa atividade, os alunos ficaram conhecendo a fundação Iberê Camargo e as obras desse pintor, além de compreender o porquê da chuva na tela. Para vivências relacionadas a bicicleta como divertimento, perguntei aos alunos de que maneira se divertiam com a bicicleta . Fizemos uma lista que ficou mais ou menos assim: apostar corrida, andar em uma roda só, saltar pequenos obstáculos, andar em superfícies estreitas, andar no parque aumentando cada vez mais o tempo.

O primeiro item da lista fez muito sucesso todos participaram e a questão da resistência veio a baila novamente. Fizemos corridas de curta distância no pátio externo e mais longas no parque da escola. Essa atividade foi realizada em três aulas.

Ao pesquisar sobre a história da bicicleta, o aluno Henrique trouxe para o grupo a história do BMX (abreviatura de Bicycle Motocross). A turma descobriu que essa modalidade nasceu como uma adaptação das corridas de moto usando bicicletas. O

segundo item da lista de vivência dialogou com a pesquisa que o Henrique trouxe. Os alunos fizeram alguns malabarismos com a bicicleta, como saltar sobre um pequeno obstáculo no caso um bastão, um pedaço de madeira, se equilibraram em uma roda só, andaram sobre as linhas da quadra simulando superfícies estreitas. A edição brasileira do X GAMES⁴ nos fez compreender melhor esse esporte, além de conhecermos os representantes brasileiros com uma expressiva participação nesses jogos. Os alunos assistiam ao X Games em suas casas e teciam seus comentários nas aulas:

Nossa Professora eu não sabia que tinha skate também e que eles andam numa pista bem estreita, chamada street.

Caramba aquele ralf é muito fundo.

Gente vocês viram o Mineirinho?

Devido à existência de uma pista de bicross nas proximidades da escola, (mais ou menos a uns trinta minutos de bicicleta, por isso não foi citado no mapeamento do entorno) propus um passeio ciclístico até lá, para podermos experimentar as sensações que essa modalidade proporciona.

Aproveitei a reunião de pais para conversar sobre o passeio e solicitar autorização para ir até lá com os alunos. A experiência foi bastante interessante, não pela prática em si, mas pelo contato mais estreito com alguns alunos que, na maioria das vezes, não se expressam nas aulas e que durante o passeio revelaram-se, comentando que precisávamos fazer mais atividades deste tipo, que tinham vergonha de falar, mas que gostavam da dinâmica da aula, todos participam e dão suas opiniões, além de comentários mais pessoais.

Para encerrarmos essa etapa perguntei aos alunos quais grupos utilizavam a bicicleta para se divertir. "Será que são apenas as crianças e os jovens?" "Lá no Tiquatira⁵, quantos adultos, tanto homens como mulheres nós vimos andando de bicicleta?" Os alunos responderam que apenas as crianças andavam com os adultos, por serem mais dependentes, porque os jovens andavam com os jovens e os adultos com adultos. Perguntei por que será que isso acontecia?

⁴ Esportes radicais de ação, antes chamado de Extreme games, primeira edição no EUA

⁵ Avenida que margeia um rio chamado Tiquatira onde fica a pista de BMX.

Alguns arriscaram dizendo que é porque já são independentes, outros porque é assim mesmo gente grande anda com gente grande, não tem graça andar com os pequenos, a Bruna disse que era porque eles faziam parte do grupo. As pessoas andam com quem se identificam.

Interessante perceber como os alunos revelam a sua compreensão das diferentes identidades do que é ser jovem, do que é ser adulto e do que é ser criança e como isso se fortalece e se perpetua de geração para geração pelo discurso. Essas identidades são produzidas também pelo que se diz, o que nos leva a inferir que somos nós que a produzimos por meio de atos de linguagem.

Mediante a intenção de contemplar todas as brincadeiras com bicicleta relatadas pelos alunos, fui distribuindo o tempo entre o trabalho na sala e as vivências na quadra. A abordagem do terceiro eixo se deu a partir da leitura do texto “O mundo embaixo de você” que fala da experiência de Argus Caruso, o ciclista que deu a volta ao mundo sobre duas rodas. A partir das interpretações dos alunos, discutimos a “magrela⁶” como meio de transporte, além de conhecermos as experiências de alguns países em relação ao nosso. A partir dessa discussão, os alunos questionaram:

Porque não se adota a bicicleta como meio de transporte?

Não seria uma alternativa para o caos do nosso trânsito?

O ambiente não ficaria menos poluído?

Mas também pode ser por que a cidade tem muito morro.

Em busca de resposta, recorremos ao texto “A Hegemonia do Automóvel”, o qual trouxe assuntos como a economia, a política, as relações de poder que estão por trás das ações que não favorecem que a população adote a bicicleta como meio de transporte. Para que os alunos pudessem saber qual é a posição do Brasil em relação ao uso prioritário desse meio de transporte, pedi que pesquisassem se existem cidades brasileiras que adotam a bicicleta, sugerimos três sites para facilitar a pesquisa. Ao retornarem, os alunos puderam constatar que Santa Catarina não está muito distante das cidades apresentadas nos textos lidos (Tóquio, França, Dinamarca, etc.). Após a discussão do texto e a apresentação da pesquisa pelos alunos o Henrique teceu o seguinte comentário: “*Professora quem não tem acesso à Internet não saberá*”.

⁶ Nome popularmente dado a bicicleta.

Os alunos inferiram a partir do comentário do colega que não é interessante a divulgação das experiências isoladas que acontecem pelo Brasil afora, pois mesmo a população sendo beneficiada em todos os aspectos, a indústria teria muitas perdas, e afinal de contas ela é a dona da bola, portanto ela determina que jogo deve ser jogado e quais as suas regras. Já imaginaram se a moda de Santa Catarina pega! Nem todos têm acesso à internet e, daqueles que têm, quantos buscariam essas informações sem serem provocados para isso como foi o caso desse grupo de alunos?

Pensar na influência do poder econômico nas nossas vidas para esses alunos não me parece ter sido muito confortável, eles ficaram incomodados com o fato do Estado não interferir nessa questão, mesmo sendo melhor para a população e para o ambiente. O Lucas fez um comentário sobre o rodízio. *Ao contrário disso eles fazem um rodízio, cada dia uma placa não pode rodar.* O Henrique comentou que de nada adiantou porque o trânsito continua ruim. Comentei que nesse caso o cidadão é duplamente penalizado, primeiro além de ter que enfrentar horas no trânsito ainda precisa atentar para o dia que o seu carro não pode rodar, caso contrário será multado. *Ah! Mas as pessoas podem fazer como alguns que saem de casa às cinco horas da manhã para chegar no seu trabalho antes das sete, novamente o Lucas comentou.* O comentário do Lucas era de aprovação dessa medida, perguntei então quem é que não precisa se preocupar com o rodízio, além das pessoas que não possuem automóvel ou que utilizam o transporte coletivo para se deslocar? O Henrique novamente intercedeu dizendo: *Quem tem dois carros né professora?* Perguntei se apenas os menos favorecidos precisam de um ambiente saudável para sobreviver, e quem é que não tem dois carros ou carro nenhum? O grupo fez um silêncio de indignação que acabou me incomodando. A leitura que eu fiz daquele silêncio é que eles se sentiam impotentes, como se não enxergassem uma saída. Ainda assim fiz uma pergunta provocativa, o número de pessoas que não possuem automóvel é maior ou menor do que as que possuem? As coisas podem mudar, comentei, mas depende de todos, enxergar essas questões já é um começo.

Todas as leituras aconteceram de maneira compartilhada e, a partir daí, os estudantes manifestaram suas posições a respeito, bem como fizeram inferências. Notamos que tal dinâmica favoreceu a análise permanente dos discursos, promovendo uma resignificação não só das práticas trazidas para a escola, mas também das idéias cristalizadas que, comumente, estão agregadas.

Nesse momento do estudo, as vivências aconteciam na quadra, o desafio era andar sobre as linhas. Vale lembrar que em razão do número de bicicleta, sempre quando um

grupo estava com a bicicleta, o outro fazia o registro da aula ou ajudava os colegas com as suas opiniões, algumas vezes os comentários dos observadores contribuía pro melhor desempenho dos que estavam executando.

A partir dos resultados da pesquisa sobre o ciclismo realizada pela aluna Veridiana e descritos num texto bastante objetivo, teve início uma ampla discussão desse esporte. O trabalho trouxe fragmentos da história da modalidade e apresentou as quatro categorias de competição: provas de estrada, provas em pista, provas de montanha (Mountain Bike) e BMX. Para cada uma delas há um tipo específico de bicicleta. Veridiana também contribuiu apresentando as subcategorias da Mountain Bike e as curiosidades do evento Down Town de Lisboa. As idéias veiculadas nos levaram a retomar a pesquisa do Henrique sobre o BMX e suas manobras, com destaque para a independência desse esporte com relação aos campeonatos e torneios oficiais. Ao final das exposições, fui esclarecendo os questionamentos dos alunos que pesquisaram, bem como dos colegas que acompanharam as apresentações. Encerrei o tema buscando amarrar os quatro itens de maneira que os alunos pudessem recuperar o caminho feito durante o estudo, a partir das seguintes perguntas: Para que caminhos essas duas rodas nos levaram? Em cada caminho fomos apresentados a diferentes pessoas com diferentes interesses exercendo diferentes papéis ao utilizarem a bicicleta, quem são elas? A partir das respostas foi possível perceber o entendimento dos alunos e a riqueza dos seus comentários.

Entretanto todas as vezes que encerro um trabalho fico pensando que o momento escolhido talvez não fosse o melhor. Neste caso, por exemplo, ficou a impressão de que alguns aspectos poderiam ainda ser trabalhados, que faltou conhecer um pouco sobre as equipes informais de ciclistas de rua que fazem dessa prática um hobby, da bicicleta no circo, das corridas de velocidade, de perseguição individual e em equipe, porém ao conceber os alunos como produtores de cultura e incitando-os a todo tempo a construírem coletivamente as aprendizagens, o tom do trabalho pedagógico é, em grande medida, marcado pelas contribuições discentes

A incerteza do caminho é um grande desafio, porém muito sedutor. Da mesma forma que se deu comigo, certamente o grupo não tinha idéia do quanto iria aprender a partir da temática. Considerando que grande parte dos alunos ainda não tinha vivenciado uma aula de educação física nessa perspectiva, avalio de maneira positiva as devolutivas obtidas.

Devo admitir também que o grupo superou as minhas expectativas nas suas análises a respeito da bicicleta como meio de transporte, trazer para o debate o rodízio de

automóveis como uma ação que favorece os já privilegiados financeiramente realmente me fez pensar sobre como esses alunos podem enxergar se a eles for dada a oportunidade.

. Diante disso, acredito que as atividades de ensino desenvolvidas contribuíram para um maior conhecimento da manifestação cultural “modalidades ciclísticas”, bem como, a pluralidade de fatores que giram ao seu redor, os locais onde são expressadas e os grupos que as praticam.

Defendo a noção de que o aluno precisa encerrar um trabalho com mais idéias do que tinha inicialmente sobre o objeto estudado, os que freqüentaram e participaram das aulas, com certeza ampliaram seus olhares.

Embora tenhamos um mundo de caminhos ainda desconhecidos que podemos percorrer sobre duas rodas, os já percorridos nos ensinaram que é preciso equilíbrio para vencer os desafios, e só conseguiremos se distribuirmos justamente o peso. Penso que o nosso peso foi distribuído eqüitativamente, por isso ninguém caiu.